

# ANÁLISE DE FADIGA EM PACIENTES ACOMETIDOS PELA COVID-19: ESTUDO DE COORTE PROSPECTIVO

Gabriella Novaes de Souza<sup>1</sup>,

Beatriz de Oliveira Quintana<sup>1</sup>, Caroline Gil de Godoy<sup>1</sup>, Danielle Brancolini de Oliveira<sup>1</sup>, Erika Christina Gouveia e Silva<sup>1</sup>, José Eduardo Pompeu<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FoFITO-HCFMUSP)

Email para Contato: gabriella.novaes@hc.fm.usp.br



Trabalho com Financiamento Fundação de Amparo à  
Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP  
Processo: 19618-8/2018

Trabalho com Financiamento Conselho Nacional de  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq  
Processo: 402698/2020-0



## INTRODUÇÃO

O termo fadiga corresponde à sensação de cansaço corporal. Sua presença não significa uma exaustão, mas uma diminuição ou falta de energia para executar as tarefas habituais<sup>1</sup>. Segundo as Diretrizes para Diagnóstico e Tratamento da COVID-19, a fadiga é um dos principais sintomas da COVID-19<sup>2</sup>, trazendo impactos na qualidade de vida e funcionalidade do indivíduo. A fadiga pode ser avaliada através do instrumento Functional Assessment of Chronic Illness Therapy Fatigue Scale (FACIT-F), o qual considera que quanto menor a pontuação, maior o nível de fadiga<sup>3</sup>.

## OBJETIVO

Analisar as características de fadiga em pacientes com diagnóstico de COVID-19 que necessitaram de hospitalização.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo de coorte prospectivo com pacientes acima de 18 anos após a alta hospitalar do ICHC-FMUSP, ocasionada pela COVID-19. Os pacientes foram avaliados após um, quatro e seis meses da alta hospitalar, com os seguintes desfechos:

1. Fadiga - Functional Assessment of Chronic Illness Therapy Fatigue Scale (FACIT-F);
2. Índice de Massa Corpórea (IMC);
3. Fadiga referida por pergunta direcionada.

Estatísticas descritivas apresentadas por média, desvio padrão e frequências para dados paramétricos; mediana e interquartil para os não paramétricos. Após realizar o teste de normalidade de Shapiro-Wilk, foi utilizado ANOVA de Friedman para medidas repetidas. Adotado nível de significância  $p < 0,05$ .

## RESULTADOS

Participaram 98 indivíduos com média de  $59 \pm 11,9$  anos, 56,1% do sexo masculino e IMC com média de  $30,2 \pm 7,9$ . O tempo de internação médio foi de  $32,2 \pm 20,9$ ; 94,9% necessitaram de internação na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e 69,4% de Ventilação Mecânica Invasiva (VM). (Tabela 1).

Destes, 32 indivíduos realizaram as avaliações de 1, 4 e 6 meses. Comparando a avaliação de 1 mês com 4 meses pós alta, não apresentou significância ( $p=0,53$ ). O mesmo ocorre entre os períodos de 4 e 6 meses pós alta ( $p=0,15$ ). Porém ao comparar 1 mês com 6 meses pós alta, observamos diferença ( $p=0,04$ ). (Tabela 2).

TABELA 1: CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Variáveis	Média (DP)	% (n)
IDADE	$59 \pm 11,9$	
IMC	$30,2 \pm 7,9$	
SEXO	Feminino	43,9
	Masculino	56,1
UTI	Sim	94,9
	Não	5,1
VM	Sim	69,4
	Não	30,6

DP: desvio padrão; n: número

TABELA 2: COMPARAÇÃO ENTRE OS PERÍODOS DE 1, 4 E 6 MESES PÓS ALTA EM RELAÇÃO A FADIGA

Variáveis	1 mês	4 meses	6 meses	P valor (teste de pós Hoc de Conover)		
	Mediana (IIQ)	Mediana (IIQ)	Mediana (IIQ)	1 mês X 4 meses	1 mês X 6 meses	4 meses X 6 meses
FACIT	43 (36-47)	45 (36,5 – 49)	47 (38,5 – 49)	0,22	0,006*	0,11

IIQ: Interquartil

## CONCLUSÃO

A fadiga foi um sintoma presente após a alta hospitalar, apresentando melhora somente 6 meses pós alta, demonstrando a necessidade de um acompanhamento multiprofissional a longo prazo nos pacientes que necessitaram de internação hospitalar pela COVID-19.

## REFERÊNCIAS

1. Trindade, T.G.; Gonçalves, M.R.; Stein, A.T.; Castro Filho, E.D.; Lopes, A.C.; Nahas, R.M.; Pereira, C.F. Fadiga Crônica: Diagnóstico e Tratamento. Projeto Diretrizes. Associação Médica Brasileira e Conselho Federal de Medicina. 2008.
2. Diretrizes para Diagnóstico e Tratamento da COVID-19. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202004/14140600-2-ms-diretrizes-covid-v2-9-4.pdf>. Acesso em 18/08/2021.
3. Diniz, L. R. et al. Mensuração da fadiga com múltiplos instrumentos em uma coorte brasileira de pacientes com artrite reumatoide em fase inicial/ Medindo a fadiga com múltiplos instrumentos em uma coorte brasileira de pacientes com artrite reumatoide inicial. Revista Brasileira de Reumatologia. Vol. 57, Ed. 5, Set-Out 2017, Pág. 431-437